

# NOVAS INFORMAÇÕES A RESPEITO DE CIPRIANO BARATA

Luís Henrique Dias TAVARES  
(Universidade Federal da Bahia)

O Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) guarda um processo de embargo de inventário que permite novas informações a respeito de Cipriano José Barata de Almeida (**Cipriano Barata**), o grande jornalista político do 1º Império e da fase inicial do período regencial<sup>1</sup>. Tem 68 páginas e está inconcluso: iniciado em Março de 1844, interrompe-se em Abril de 1845. E conquanto esteja muito estragado, permite leitura<sup>2</sup>.

Esse processo colocou em confronto duas filhas de Cipriano Barata: Carlota Barata de Almeida e Veridiana Rosa Barata. Filha única do primeiro casamento do criador do jornal **A Sentinela da liberdade na Guarita de Pernambuco** (Recife, 1823), Carlota Barata de Almeida instalou o processo ao autorizar que o seu procurador, advogado Duarte José da Silva, requeresse o inventário dos bens do casal Cipriano José Barata de Almeida-Leonor Maria de Azevedo, seus pais. No mesmo dia

(1) A bibliografia sobre Cipriano Barata continua pequena, desigual e insuficiente. Por enquanto, mantém-se em destaque o estudo de Heilo Vianna, **Cipriano Barata e As Sentinelas da Liberdade (1762-1838)** in "Contribuição à História da Imprensa Brasileira (1812-1869)", Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, pp 447-502. Ver também: CASCUDO, Luís da Câmara, **O Doutor Barata, Político, democrata e jornalista, Bahia - 1762, Natal - 1838**, Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1938; MOREL, Marco, **Cipriano Barata**, São Paulo, Brasiliense, 1986; PRADO JÚNIOR, Caio, **Cipriano Barata (1764-1838)**, in "Evolução Política do Brasil e outros estudos", 3ª Edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1961, pp 209-214; SEGISMUNDO, Fernando, **Cipriano Barata, jornalista político**, in "Imprensa e Democracia". Rio de Janeiro, Conquista, 1952, pp 45-83; TAVARES, Luís Henrique Dias, **Cipriano José Barata de Almeida**, in "Revista de História de América", número 101, enero-junio 1986, pp 133-144.

(2) APEB, Seção Judiciária. Núcleo: Tribunal da Relação. Série: Embargo de Nulidade de Inventário. Doc.: 07/3111/07. Sou grato à professora Mercedes Dantas Guerra, chefe da Seção Judiciária do APEB; foi quem localizou e identificou esse processo, dando-me em seguiu condições para examiná-lo.

do requerimento do inventário, obteve do cartório do tabelião Tavares mandato de captura de seis escravos, ditos de propriedade do casal. Dos seis, dois se encontravam recolhidos no Aljube, antiga prisão para religiosos, àquela altura transformada em cadeia para civis e para escravos. A pedido de Carlota, os dois foram avaliados: Luisa, ainda moça, do serviço doméstico, em 450\$000, e o crioulinho Victor, seu filho, em 180\$000.

No decurso do processo, outros escravos foram citados: José, da nação **Calabar**, Fortunato, com marca facial da nação nagô, e Cosme, da nação **Cabinda**. O advogado Silva ainda reclamou a parda escrava Carolina, vendida pela segunda espôsa de Cipriano Barata, Ana Joaquina de Oliveira, em Pernambuco. Embora citados, os escravos José, Fortunato e Cosme, não foram apresentados. Nada apareceu também sobre a escrava Carolina. E devo esclarecer que nenhum desses está na relação de escravos que Cipriano Barata possuía ao ser preso em 1798<sup>3</sup>.

A 22 de março o advogado Silva requereu outros bens do casal Cipriano-Leonor: uma botica sortida (até ser eleito deputado às Cortes e ter viajado para Lisboa, Cipriano Barata exerceu a profissão de médico, à qual só retornou nos últimos anos de sua existência, em Natal, Rio Grande do Norte, onde morreu em 1838), um dicionário, livros de medicina e de política, cujos autores e títulos não aparecem no processo, uma mobília, uma casa na vila de Abrantes, e 69\$110, dinheiro que ficara da morte de Ana Joaquina de Oliveira concubina, segunda espôsa e mãe de cinco filhos de Cipriano Barata. Estão relacionados no processo: Horácio Cipriano, Laura Cipriano, Eria Joaquina, Cipriana Sibila e Veridiana Rosa Barata. Esta última, avó do revolucionário tenentista brasileiro Agildo Barata<sup>4</sup>. O advogado alegou que Laura Cipriano e suas irmãs tinham escondido os escravos e os bens que ele reclamava.

(3) Anais da Biblioteca Nacional, Vol XLIII-XLIV, pp 178-188.

(4) BARATA, Agildo, *Vida de Um Revolucionário*. 2ª edição. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1978. Todo o capítulo II é dedicado a Cipriano Barata, bisavô do líder tenentista. Transmite as recordações que existiam na família Barata Ribeiro, passadas por seu pai, Atanagildo Barata Ribeiro, que ele não chegou a conhecer (idoso, morreu quando Agildo tinha 3 anos). Há muitos enganos. Mas é interessante pela história do único retrato que ficou de Cipriano Barata, pintado pelo marido de Veridiana Rosa, José Maria Ribeiro. Ele também informa que sua mãe doou ao Arquivo da Marinha uma coleção de *A Sentinela da Liberdade na Guarda de Pernambuco*, que todavia não foi localizada no Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro.

A 15 de Abril Veridiana Rosa requereu o embargo do inventário, justificando-o por não ter incluído os herdeiros resultantes do concubinato e posterior casamento de Ana Joaquina de Oliveira com Cipriano Barata. Esse é um dado novo: o casamento foi realizado em Agosto de 1832, conforme cópia de certidão passada pelo desembargador do Tribunal da Relação Metropolitana e Juiz dos Casamentos, doutor Manuel José de Sousa Cardoso, também vigário coiado da igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Sagrou-se a 27 daquele mês e ano no oratório da fortaleza de São Marcelo (forte do Mar), onde Cipriano Barata se encontrava preso<sup>5</sup>. Serviram de testemunhas os também prisioneiros políticos Manuel Alvares Fernandes, José Pedro de Sousa e Alcamim, e o tenente da Marinha Caetano Alvares de Sousa, além do comandante da fortaleza, sargento-mor Sérgio José Veloso, do comerciante Antonio Pereira Franco e do padre Manuel Dendê Bus, antigo comandante do grupo de voluntários à guerra pela Independência do Brasil na Bahia chamado Encourados do Pedrão.

A certidão desse casamento declara que Cipriano Barata tinha então 70 anos, e Ana Joaquina de Oliveira, 47.

Três advogados assinaram o embargo oferecido por Veridiana Rosa. De sua parte, o advogado de Carlota Barata de Almeida negou qualquer direito a Veridiana e seus irmãos, para o que os acusou de filhos adulterinos. Para fundamento, baseou-se nas Ordenações, a famosa codificação do direito português, que não obstante a Independência continuava a ser utilizada no Brasil. No que interessava à sua argumentação, o advogado de Carlota Barata de Almeida delas invocou os Livros 2, Título 35, 12, e 4, Título 93. O primeiro estabelecia jurisprudência segundo a qual o casamento subsequente a nascimento de filhos de não casados era uma das formas de legitimá-los, mas só no caso de mulher solteira. E o segundo, que filhos adulterinos não sucediam aos pais. Por último, o advogado Silva revelava que Ana Joaquina de Oliveira estava casada com Vicente Ferreira Pinto no ano em que o deixou

(5) O pouco que se sabe da participação de Cipriano Barata nos acontecimentos de Abril e Maio de 1831 na cidade do Salvador é o que ele próprio relata no "Manifesto ao respeitável público...", dado como impresso no Rio de Janeiro em 1831. Essa data, 1831, choça-se agora com a certidão de casamento que o coloca na Bahia em Agosto de 1832, ano em que todos os que escreveram sobre ele o acreditam no Rio de Janeiro.

para viver em Cipriano Barata. Esse, por sua vez, teria deixado a esposa, mas só ficara viúvo dela em 1825.

Na seqüência do processo, Veridiana Rosa afirmou que a sua mãe já era viúva quando preferiu Cipriano Barata. Para sustentar sua afirmativa, escreveu que Vicente Ferreira Pinto morrera num desabamento de terras no Pilar, em 1797. Ter-se-ia casado com Ana Joaquina de Oliveira pouco antes de morrer, de modo que se assim sucedeu, ela estaria com apenas 12 anos ao se casar, a ser verdade que tinha 47 em 1832, ano do casamento com Cipriano Barata. Exigiu-se, mas Veridiana Rosa não encontrou atestado de óbito de Vicente Ferreira Pinto; suas tentativas foram negativas nas freguesias do Pilar e da rua do Passo.

Na parte contrária, embora sem apresentar qualquer data, o advogado de Carlota Barata de Almeida conseguiu oferecer outra versão para a morte de Vicente Ferreira Pinto. Só teria ocorrido após 1797, num desmorte de saibro em que trabalhavam escravos dos quais ele era feitor. A saibreira desabara e ele fora soterrado. Dessa forma, com essa versão, o advogado Silva registrava que os filhos de Ana Joaquina tinham nascido enquanto ela ainda estava casada - e que, portanto, os filhos com Cipriano Barata eram **adulterinos**.

Veridiana Rosa não contestou a nova versão da morte do primeiro marido de sua mãe. Mas entregou sua certidão de nascimento, revelada no Livro findo de assentos de batismo da freguesia da rua do Passo, folhas 35v. Por esse documento, vê-se que nasceu a 13 de Outubro de 1809, ano que pertence a um dos períodos obscuros da vida de Cipriano Barata, o que vai de 1800 a 1821 (saida da prisão, por causa do movimento de 1798, a eleição para deputado às Cortes de Lisboa).

O advogado Silva voltou a exigir a apresentação dos escravos José, Fortunato e Cosme, e dos bens do casal, agora acrescentando aos já arrolados, "dívidas, dinheiro, ouro e prata", e 300\$000 da venda da escrava Carolina. O processo saiu então do Juiz Municipal para o Juiz de Direito do Cível, onde parou. Meses depois, já em Abril de 1845, Carlota Barata de Almeida deu entrada

a um pedido para vender o crioulinho Victor, "pa. socorrer despesas do inventário". O juiz já atendera antes pedido semelhante de Veridiana Rosa, esse, para a venda da escrava Luisa.

Ainda há um lance final no processo: é a declaração do inquilino da casa na vila de Abrantes. Trata-se de um recibo de 20\$000, relativo a vinte meses de aluguel. Daí o processo fica inconcluso. Mas não será demais intuir que as duas irmãs ficaram sem recursos para mantê-lo. No entanto, embora sem conclusão, esse processo tem informações e indicações que o tornam extremamente rico. E não só para quem estuda Cipriano Barata, como também para os estudiosos da sociedade em que viveram o grande agitador de idéias e jornalista, suas duas mulheres e os seus filhos.